

# A MISSÃO À LUZ DA ENCARNAÇÃO: IMPLICAÇÕES ECLESIOLÓGICAS

de Estêvão Raschiatti  
rasquio@yahoo.com.br

*RESUMO: Esse ensaio busca refletir sobre o mistério da encarnação através de alguns enfoques, para voltar-se sobre os desdobramentos significativos que investem o sujeito Igreja. O mistério do Verbo encarnado é fundante e paradigmático para fé cristã: fundante porque diz respeito ao símbolo de nossa fé; paradigmático porque se desdobra na missão eclesial e ecumênica com suas implicações e seus compromissos. Esboçamos sete perspectivas de desenvolvimento eclesial, em vista de uma missão cristã ecumênica e sinodal sempre mais relevante na atual conjuntura mundial. Os evangelhos, textos redigidos a partir da experiência de fé das primeiras comunidades cristãs, não deixam dúvida: Jesus Cristo, o Filho de Deus encarnado, não veio para fundar uma nova religião, mas anunciar a vinda do Reino de Deus para todos os povos. Esse horizonte já deveria já ser suficiente para colocar a missão sempre em primeiro lugar.*

*PALAVRAS-CHAVE: missão, encarnação, cristologia, eclesiologia, história*

*ABSTRACT: This essay seeks to reflect on the mystery of the Incarnation through various perspectives, to examine the significant implications for the Church. The mystery of the Incarnate Word is foundational and paradigmatic for the Christian faith: foundational because it concerns the symbol of our faith; paradigmatic because it unfolds in the ecclesial and ecumenical mission with its implications and commitments. We outline seven perspectives on ecclesial development, with a view to an ecumenical and synodal Christian mission that is increasingly relevant in the current global context. The Gospels, texts written from the faith experience of the first Christian communities, leave no doubt: Jesus Christ, the incarnate Son of God, did not come to found a new religion, but to announce the coming of the Kingdom of God to all peoples. This horizon should already be sufficient to always place mission first.*

*KEYWORDS: mission, incarnation, Christology, ecclesiology, history*

Há mais de um ano lançamos um questionamento e um desafio em diversos momentos e ocasiões: afinal, qual Igreja para qual missão? As respostas que emergiram foram das mais variadas, mas sempre expressando o desejo convergente de avançar numa visão conciliar, sinodal e latino-americana de Igreja: uma Igreja ministerial, povo de Deus, profética, de opção pelos pobres, testemunha, “mística”, serviçal, pastoral etc.

Tentando colocar em ordem as diversas perspectivas, cientes também da importância de uma pauta eclesiológica nesses tempos de clericalismo reacionário, optamos por esboçar algumas anotações a partir da missão à luz da encarnação.

O mistério do Verbo encarnado é fundante e paradigmático para fé cristã: fundante porque diz respeito ao símbolo de nossa fé; paradigmático porque se desdobra na missão eclesial e ecumênica com suas implicações e seus compromissos.

Em um primeiro momento, procuramos refletir sobre o tema da encarnação e seus significados para a missão hoje: selecionamos sete enfoques. Em um segundo momento, tentamos interligar esses enfoques com sete perspectivas eclesiológicas essenciais, em vista de uma missão cristã sempre mais relevante e significativa na atual e distópica conjuntura mundial.

## 1. A ENCARNÇÃO E (ALGUNS DE) SEUS DESDOBRAMENTOS

### 1.1 A encarnação é mistério

A encarnação é em primeiro lugar um mistério de fé que diz respeito ao “Verbo que se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14): o Filho de Deus, gerado, não criado, da mesma substância do Pai, “por nós e pela nossa salvação desceu dos céus e se encarnou pelo Espírito Santo no seio da Virgem Maria e se fez homem” (Credo niceno-constantinopolitano).

*A Gaudium et spes* nos lembra que

*pela sua encarnação, Ele, o Filho de Deus, uniu-se de certo modo a cada homem. Trabalhou com mãos humanas, pensou com uma*

*inteligência humana, agiu com uma vontade humana, amou com um coração humano. Nascido da Virgem Maria, tornou-se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado (GS 22).*

O mistério da encarnação apresenta três características que é sempre bom tê-las presente. A primeira diz respeito *unicamente* à figura do Filho, o Verbo encarnado, Jesus de Nazaré: para a fé cristã não há outra encarnação propriamente dita, mesmo que isso não queira dizer que Deus não se comunicou e continue se comunicando com a humanidade de muitas outras maneiras (DV 4). A segunda característica é que na encarnação Deus se revela *plenamente* na figura do Filho: Jesus é o cumprimento das escrituras, ápice de toda revelação, tudo o que Deus é e quer nos comunicar, mesmo que nossa compreensão não alcance totalmente essa plenitude. Enfim, essa encarnação se cumpre *definitivamente* em Jesus: Deus não deixou algo de dito pelo não dito; a revelação em Jesus Cristo, para a fé cristã, se apresenta plena, definitiva e irrepitível de maneira que só há de ser acolhida.

A encarnação como mistério de fé deve levar todos os cristãos a considerar *esse* Jesus de Nazaré – e nenhum outro (At 4,10) – como Deus, Pessoa da Trindade, único e universal, salvador do mundo e redentor da humanidade, verdadeiro Deus e verdadeiro homem.

## 1.2 A encarnação é paradigma

A encarnação do Verbo torna-se também paradigma para a ação evangelizadora da Igreja. Assim como o Filho de Deus se fez carne, a Igreja é chamada a se encarnar nas diversas realidades humanas.

Todavia, essa encarnação devemos entendê-la como analogia à encarnação do Verbo, pois não há uma Igreja preexistente à cultura e à história dos povos. Com efeito, não é a mesma coisa equiparar a inserção da igreja e a ação evangelizadora inculturada nos diversos povos e nas diversas culturas, com o mistério da encarnação. Deus não se encarna de novo assim como fez em Jesus Cristo. Todavia, continua se comunicando e revelando-se de diferentes maneiras e em diversos modos.

Nesse sentido, a encarnação se torna para a Igreja caminho e modelo inspirador de proximidade e encontro com a humanidade em suas múltiplas situações. O paradigma da inculturação diz respeito muito mais ao interlocutor da ação evangelizadora do que ao agente missionário, pois é o Evangelho comunicado interculturalmente que é acolhido e assimilado pelo interlocutor em sua própria vida e em sua própria cultura, dando vida assim a uma “nova criação”.<sup>1</sup>

### 1.3 A encarnação é história

Em terceiro lugar, a encarnação diz respeito à dimensão histórica do divino, como algo de constitutivo dele. Com efeito, com a encarnação encontramos o “Emanuel” o “Deus conosco”, aquele que desce do céu e caminha com seu povo, fala com seus profetas e com seus reis, admoesta, chama à atenção, se alegra, socorre, conduz, salva ... O Deus de Israel é um Deus que intervém, um Deus que entra na história da humanidade, um Deus que salva, um Deus de misericórdia que vem humanizar o mundo com seu Reino: tudo isso faz parte da essência desse Deus Amor. YHWH se revela na história, com atos concretos: com a criação que *“traz em si uma estrutura propriamente trinitária”* (LS 239), com a libertação da escravidão, com as palavras dos profetas, com a ação dos juízes, com o testemunho dos seus servos, com a efusão do seu Espírito, com a aliança junto ao seu povo consagrado: “e o verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14).

Esta dimensão histórica não é apenas a extensão econômica da Trindade, pois “as obras de Deus revelam quem Ele é em Si mesmo: e, inversamente, o mistério do seu Ser íntimo ilumina o entendimento de todas as suas obras” (CIC 236). O mistério da encarnação já estava na Trindade imanente como solidariedade

---

<sup>1</sup> Padre Pedro Arrupe (1907-1991) em uma das primeiras definições de inculturação, afirmava: “Inculturação significa a encarnação da vida e a mensagem cristã em uma área cultural concreta, de modo que essa experiência não apenas consiga se expressar com os elementos próprios da cultura em questão (que seria apenas uma adaptação superficial), mas se torne o princípio inspirador, normativo e unificador, que transforma e recria essa cultura, dando origem a uma ‘nova criação’” (1978, p. 306).

radical do Filho com a humanidade, não surgiu por uma necessidade funcional externa à vida trinitária para concertar o que foi corrompido, mas para levar a cumprimento a criação inaugurada desde o começo. Essa nova criação, essa graça, superabundou onde o pecado avultou (Rm 5,20). Paradoxalmente, “o Filho de Deus teria se tornado pessoa humana, mesmo se o gênero humano tivesse ficado sem pecado” (MOLTMANN, 1983, p. 128).

A encarnação é de alguma forma um processo intratrinitário, revela a humanidade e historicidade de Deus, e qualquer tentativa de distinguir a imanência da economia trinitária, desfigura o verdadeiro rosto do Deus de Jesus.

#### **1.4 A encarnação é fronteira**

A encarnação também sua dimensão contextual: Deus se encarna nas situações limites, nas fronteiras, afastadas do centro do poder humano. Desde o AT, YHWH aparece no deserto numa sarça ardendo (Ex 3,2), escolhe pessoas improváveis para ser seus mensageiros (Ex 4,10), mulheres estéreis e humilhadas dão à luz (Gn 17,15-19; 1Sm 1,19-20), viúvas salvam Israel (Jd 16,5), jovens atrevidos enfrentam gigantes (1Sm 17,45), exércitos mingados ganham batalhas (Jz 7,22), homens que não sabem falar se tornam profetas (Jr 1,6), um povo pequeno e frágil se torna o povo escolhido (Dt 7,7-8).

Na saga de Jesus de Nazaré, o Filho de Deus nasce em Belém de uma jovem galileia noiva de um artesão (Mc 6,3). Colocado numa manjedoura (Lc 2,7), recebe visita de pastores (Lc 2,16) e de astrólogos estrangeiros (Mt 2,11). Logo sua família foge como refugiada para o Egito (Lc 2,14). Já na fase adulta, foi morar em Cafarnaum (Mt 4,13), na Galileia, lugar marginalizado na fronteira com outras nações. Em sua missão itinerante dizia que “as raposas têm tocas, e os pássaros do céu têm ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça” (Mt 8,20; Lc 9,58).

Seu ministério se desenvolve bem longe dos centros de poder político e religioso. Sua mensagem fala da proximidade de um Reino de Deus em favor dos pobres (Lc 4,26; 6,20), dos pecadores (Jo

8,11), dos enfermos (Mt 11,5), das prostitutas (Lc 7,37), dos excluídos (Mc 1,41), dos inimigos (Mt 5,44), junto à atenção dirigida à ‘totalidade’ do povo de Israel e não apenas a um ‘resto’ (Mt 15,24).

A encarnação trinitária se realiza não fronteiras do humano, seja elas periferias, confins ou horizontes, desde a manjedoura até a cruz: é ali que a *missio Dei* se situa e se desvela em toda sua ousadia e em toda sua subversão. Ontem, hoje e sempre o Filho de Deus se encarna nos pobres (Mt 25,37-40): “o encontro de Jesus Cristo através dos pobres é uma dimensão constitutiva de nossa fé em Cristo” (DAp 257).

### 1.5 A encarnação é participação

A encarnação implica necessariamente a participação e a cooperação do humano com o divino. O elemento humano não é apenas um dispositivo passivo na história da salvação; a encarnação não é simplesmente uma espécie de aterrissagem dos céus sobre a terra; a Trindade não faz tudo sozinha e não chega de paraquedas: é preciso o “sim” de Maria, assim como a adesão de cada um dos profetas e de cada um dos discípulos para a missão ao qual foram chamados.

Nas primeiras vésperas da solenidade de Maria Mãe de Deus, no último dia do ano, a antífona ao primeiro salmo reza assim: “Admirável intercâmbio! O Criador da humanidade, assumindo corpo e alma, quis nascer de uma Virgem. Feito homem, nos doou sua própria divindade!”. Na encarnação, efetivamente, acontece um intercâmbio, na liberdade de cada um dos interlocutores. Deus Trindade se encarna na realidade humana que se dispõe a acolhê-lo. Não entra forçando, mas entra pedindo licença, chamando a colaborar: trata-se da dimensão sinodal da encarnação e da participação de cada pessoa à *missio Dei*.

Com efeito, cada um dos interlocutores precisa ser reconhecido para poder oferecer seu próprio aporte. A encarnação como a sinodalidade “evidencia como linha mais a horizontalidade do que a verticalidade” (FRANCISCO, 2021). A sinodalidade quer promover novas relações de reciprocidade e de igualdade evitan-

do de “erguer monumentos hierárquicos” que encobrem o sol de Cristo (FRANCISCO, 2021).

### 1.6 A encarnação é testemunho

Na *Evangelii Gaudium*, Papa Francisco sublinha outra fundamental dimensão da encarnação que é a vivência concreta da Palavra em nossas vidas: “a realidade é superior à ideia: este critério está ligado à encarnação da Palavra e ao seu cumprimento” (EG 233). Encarnação quer dizer, em última instância, pôr em prática a Palavra e assim construir a própria casa sobre a rocha (Mt 7,24): “há que rejeitar a tentação duma espiritualidade intimista e individualista, que dificilmente se coaduna com as exigências da caridade, com a lógica da encarnação” (NMI 52).

*O acontecimento da Encarnação, de Deus que se faz homem como nós, que nos mostra o realismo inaudito do amor divino (...) Este modo de agir de Deus é um forte estímulo a interrogar-nos sobre o realismo da nossa fé, que não se deve limitar à esfera do sentimento, das emoções deve entrar no concreto da nossa existência, ou seja, deve referir-se à nossa vida de todos os dias e orientá-la inclusive de modo prático (BENTO XVI, 2013).*

A Palavra de Deus é palavra viva que não volta àquele que a pronunciou sem ter cumprido o que prometeu (Is 55,10-11). Ela é eficaz enquanto se torna carne na vida das pessoas para a vida do mundo. O discípulo do Senhor nada mais é do que o praticante da Palavra (Jo 13,35), e nessa prática da Palavra – e somente nessa prática – se joga a salvação ou a condenação (Mt 7,21-23). A encarnação segue a lógica da criação: a Palavra é *dabar*, uma palavra que realiza, que faz acontecer, que se torna carne (Jo 1,14).

### 1.7 A encarnação é obra do Espírito

Enfim, não podemos esquecer a encarnação como obra do Espírito Santo (Mt 1,8; Lc 1,35). O Espírito divino fecunda um corpo humano, e esse corpo se torna manifestação do Deus vivente: para falar de Deus a partir da encarnação, precisamos agora falar de um homem, de uma mulher, de rostos, de vidas vividas. O pernicioso dualismo antropológico de matriz platônica,

que tanto influenciou o movimento cristão desde os primeiros séculos, e que se arrasta até a nossa modernidade, encontra na encarnação o seu escandaloso confronto crítico.

Com efeito, na antropologia bíblica não aparece esse dualismo. Em 1Ts encontramos uma afirmação de Paulo pela qual o ser humano seria composto por “espírito, alma e corpo” (1Ts 5,23). Esse corpo é o *soma*, “templo do Espírito Santo” (1Cor 6,19), que é investido como a alma (*psique*) pela ação do Espírito. As três dimensões formam uma unidade, de maneira que a obra do Espírito só se revela quando conflui no corpo. Desta maneira, o corpo se torna centro da revelação cristã, assim como ponto fulcral do testemunho da vida no Espírito (Gl 5,22-23).

Nesta passagem da Carta aos Gálatas, Paulo opõe os desejos da carne (*sarx*) à ação do Espírito (*pneuma*). Destarte, quando há uma ruptura da unidade entre espírito, alma e corpo se instalam os desejos desordenados pelos quais se torna necessário o regime da Lei. Ao contrário, para a ação do Espírito que nos torna corporalmente espirituais, não existe Lei (Gl 5, 23).

Todavia, nos equivocamos se entendermos que o corpo é apenas mediação para a ação do Espírito, assim como as culturas, a criação, as pessoas, as igrejas: na realidade, é nos corpos que acontece o encontro entre o humano e o divino, e tudo que acontece fora dos corpos não é real, não existe e nem pode ser “puramente espiritual”. Uma religiosidade que pretende ser “puramente espiritual” reduz a fé a uma ideologia religiosa.

## 2. QUAL IGREJA PARA QUAL MISSÃO À LUZ DA ENCARNAÇÃO?

### 2.1 Uma Igreja descentrada

Uma Igreja à luz da encarnação é chamada a ser, em primeiro lugar, uma Igreja *descentrada*, pois não pode tomar lugar de “centro” que é do Verbo encarnado. O *centro* deve ser sempre Jesus Cristo, que convoca e envia (FRANCISCO, 2013). Destarte, a constituição dogmática sobre a Igreja do Concílio Ecumênico Vaticano II começa exatamente assim: “A luz dos povos é Cristo:

por isso, este sagrado Concílio, reunido no Espírito Santo, deseja ardentemente iluminar com a Sua luz, que resplandece no rosto da Igreja, todos os homens, anunciando o Evangelho a toda a criatura” (LG 1). Não é a Igreja a luz das nações, mas Cristo, cuja luz resplandece no rosto da Igreja.

Tal deslocamento fundamental, muda o eixo de um eclesiocentrismo autorreferencial para uma cristologia trinitária. Cristo é a cabeça do corpo que é a Igreja: Ele investe a Igreja toda com seu poder, Ele é realmente atuante, mas não delega seu poder à Igreja e sim a chama a participar: “Jesus Cristo pode romper também os esquemas enfadonhos em que pretendemos aprisioná-Lo, e surpreende-nos com a sua constante criatividade divina” (EG 11).

Da mesma maneira, a força santificadora do Espírito “sopra onde quer” (Jo 3,8), é a protagonista da missão e não está sob o controle e a administração da Igreja. Papa Francisco insiste bastante sobre o fato de que “a Igreja deve aceitar esta liberdade incontável da Palavra que é eficaz a seu modo e sob formas tão variadas que muitas vezes nos escapam, superando as nossas previsões e quebrando os nossos esquemas” (EG 22). Trata-se do poder “não manipulável” da graça (EG 57), cuja fecundidade “não pode ser contabilizada” (EG 279). Para a Igreja não resta que reconhecer que “não há maior liberdade do que a de se deixar conduzir pelo Espírito, renunciando a calcular e controlar tudo e permitindo que Ele nos ilumine, guie, dirija e impulse para onde Ele quiser” (EG 280).

## **2.2 Uma Igreja peregrina**

Uma segunda dimensão dessa Igreja à luz do mistério da encarnação é a de ser uma Igreja *peregrina*: uma Igreja que se torna hóspede dos povos e de suas culturas, e que evangeliza de maneira inculturada. Essa noção nos remete a outros três elementos da identidade da Igreja: o caminho, o Povo de Deus, o estrangeiro.

O primeiro deles é bíblico e diz respeito ao seguimento de Jesus. Uma igreja a caminho é uma igreja discipula, que segue seu mestre nas andanças da missão. A missão no caminho é a

escola dos discípulos: depois de tê-los chamados (Mt 4,18-22) “Jesus andava por toda a Galileia, ensinando em suas sinagogas, pregando a Boa Notícia do Reino, e curando todo tipo de doença e enfermidade do povo” (Mt 4,23) e os discípulos atrás.

O Caminho indica a identidade da comunidade dos discípulos, chamados como aqueles que “pertencem ao Caminho”. Jesus por sua vez disse: “Eu sou o caminho ...” (Jo 14,6). Nesse caminho, Jesus é o Deus conosco: “a intimidade da Igreja com Jesus é uma intimidade itinerante, e a comunhão reveste essencialmente a forma de comunhão missionária” (EG 23).

O povo de Deus “chamado para fora” (*ek-klesia*) tem uma residência temporária, uma *paroikia*. Ele está permanentemente em estado de êxodo (cf. 1Pd 1,17), dirigindo-se aos confins do mundo e ao fim do tempo. Não sendo deste mundo, mas permanecendo neste mundo, esse povo peregrino é estrangeiro por sua constituição. Seu caminhar aponta para uma postura fundamental de desinstalação e de aproximação, derrubando barreiras e construindo pontes, solidarizando com as situações limites, assumindo a fraqueza humana e renunciando a todo poder para manifestar a glória de Deus (Fil 2,5-11), numa luta sem armas, sem imposições e sem violência.

### 2.3 Uma Igreja servidora

Uma terceira característica de uma Igreja à luz da encarnação é de ser *servidora*: “eis a serva do Senhor” (Lc 1,38). A virada conciliar quis claramente uma Igreja toda voltada a “servir o homem, em todas as circunstâncias da vida em todas suas fraquezas, em todas suas necessidades” (PAULO VI, 1965). A Igreja deve sempre lembrar que é discipula de um Mestre e Senhor que “não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida como resgate para muitos” (Mt 20,28), exigindo de seus seguidores a constante postura de empregados zelosos, “com os rins cingidos e as lâmpadas acesas” (Lc 12,35), recomendando que “quem quiser ser grande, deve tornar-se servo” (Mt 20,27). Com efeito, o patrão desses empregados quando chegar “ele mesmo se cingirá, os fará sentar à mesa, e, passando, os servirá” (Lc 12,37).

Esse tema do serviço traz consigo duas dimensões importantes. A primeira é de postura fundamental, e remete a figura messiânica do Servo de YHWH do Dêutero-Isaías (42,1-9; 49,1-6; 50,4-11; 52,13-53,12). Jesus de Nazaré se reconhece nesse Servo sofredor (Mt 12,15-21). O Dêutero-Isaías descreve essa personagem como o eleito sobre o qual YHWH colocou seu Espírito: não levanta a voz e não vacila, foi humilhado e não abriu a boca, “levou sobre si o pecado de muitos” (Is 53,12). Foi chamado para “o serviço da justiça” (Is 42,6), luz das nações para trazer o direito às nações, “a fim de abrires os olhos dos cegos, a fim de soltares do cárcere os presos e da prisão os que habitam nas trevas” (Is 42,7). As características desse servo humilde e humilhado, eleito mas não reconhecido, exaltado por Deus mas “desprezado e abandonado pelos homens” (Is 53,3), traçam o autêntico caminho discipular de busca da glória pela direção inversa: pela negação de si e pela cruz (Mt 16,24).

Uma segunda e necessária dimensão do serviço é vinculada à qualidade da ação eclesial. O serviço deve ser excelente e os servos dedicados, capazes e competentes: a missão não é para amadores! Uma Igreja servidora busca executar com entrega e criatividade a própria missão, com “indicações programáticas concretas, objetivos e métodos de trabalho, treinamento e aprimoramento de agentes e busca pelos meios necessários” (NMI 29), sem cair no funcionalismo, mas ao mesmo tempo tentando evitar qualquer amororismo, voluntarismo ou pragmatismo imediato.

## **2.4 Uma Igreja fronteira**

Quarta característica de uma Igreja à luz da encarnação é de ser uma Igreja *fronteira*. A encarnação, como vimos, não acontece em qualquer lugar, e sim nas situações limites. Por sua vez discípulos são enviados “até os extremos da terra” (At 1,8). Por muito tempo esses extremos eram identificados com os longínquos países “não-cristãos”. Hoje nos deparamos com uma realidade mundial globalizada e pós-moderna desarranjada, em que as fronteiras reais são múltiplas, profundas, segmentadas, onipresentes, em mapas que continuam se redesenhando.

Nessa conjuntura que interpela as igrejas em sua mais íntima vocação, podemos distinguir três tipos de fronteiras: as *periferias* de um âmbito territorial e social, margens longe do centro mas que, de alguma forma, fazem parte do mesmo contexto socio-cultural; os *confins*, limiares físicos e simbólicos, divisas visíveis e invisíveis entre dois territórios, dois mundos, duas culturas, que definem identidades/pertencas distintas; os *horizontes* que se abrem à nossa frente como algo desconhecido, como novos caminhos, como espaços desmedidos e inexplorados.

As igrejas hoje são chamadas a habitar essas fronteiras: “habitar” significa participar, mergulhar, tocar com a mão e com o coração a carne, a luta e o cotidiano dos sobreviventes da diáspora fronteiriça. “Habitar” é o equivalente de se encarnar.

## 2.5 Uma Igreja sinodal

A quinta característica para uma Igreja à luz do mistério da encarnação é de se tornar sempre mais uma Igreja *sinodal*. A dimensão da sinodalidade chama à participação todos os batizados numa sinergia e num caminhar junto para a evangelização. Quando falamos “todos os batizados”, falamos de “todos os Cristãos que participam do *sensus fidei*” (DF 23), e portanto os batizados de todas as igrejas.

O documento final da XVI Assembleia Geral Ordinária dos Sínodo dos Bispos da Igreja católica (2024) dá uma definição bastante precisa do que se entende por sinodalidade:

*a sinodalidade é o caminhar juntos dos Cristãos com Cristo e para o Reino de Deus, em união com toda a humanidade; orientada para a missão, implica o encontro em assembleia nos diversos níveis da vida eclesial, a escuta recíproca, o diálogo, o discernimento comunitário, a formação de consensos como expressão da presença de Cristo no Espírito e a tomada de uma decisão em corresponsabilidade diferenciada (DF 28).*

Aqui temos todos os elementos que configuram a sinodalidade: missão, reciprocidade, diálogo, discernimento, consenso, corresponsabilidade. Se compreende assim melhor porque a sino-

dalidade é dimensão constitutiva da Igreja (CTI 1), caminho de renovação espiritual e de reforma estrutural para tornar a Igreja mais capaz de caminhar com a humanidade irradiando a luz de Cristo.

Essa sinodalidade exige das igrejas conversão e arrependimento (DF 6), reconhecendo a mesma dignidade de todo e qualquer sujeito eclesial, e ainda mais, “a valorização dos contextos, das culturas e das diversidades” (DF 40), assim como “a pluralidade das religiões e das culturas, a multiformidade das tradições espirituais e teológicas”, que representam “um convite a cada um reconhecer e assumir a sua própria parcialidade” (DF 42). Uma postura dessa só é possível reconhecendo o primado da graça (DF 44).

## **2.6 Uma Igreja pastoral**

Sexto destaque de uma Igreja renovada à luz da encarnação é a *pastoral*. O Documento de Aparecida convida as comunidades eclesiais a uma “conversão pastoral”, a ir “além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária” (DAp 370), pois se trata não somente cuidar quem está dentro de um redil, mas de sair à procura de “outras ovelhas” (Jo 10,16): é o convite à abertura e à extensão da ação evangelizadora.

Todavia, a acentuação “pastoral” aponta para algo fundamental na missão que é o papel da relação humana, da proximidade e do encontro (FRANCISCO, 2013). Já Paulo VI afirmava que “a rede de comunicação da fé deve ser humana” (PAULO VI, 1969). A missão cristã é chamada a se posicionar, em uma perspectiva contra-hegemônica, mais na esfera das relações do que na das ações ou virtudes: os discípulos missionários precisam se acalmar, sentar-se, correr menos, passar tempo com pessoas, confraternizar, curar a vida e as feridas das pessoas crucificadas de hoje.

Existe uma maneira muito simples de as pessoas encontrarem o Senhor, e é através das nossas pessoas, do nosso abraço, do nosso testemunho, do nosso ouvir, do nosso silêncio e das nossas palavras. Depois com o caminhar eclesial, o Ressuscitado se revela mais profundamente na comunidade, na Palavra, na Eucaristia, nos sacramentos, na oração, na devoção e em tudo mais, mas

inicialmente ele é proclamado pela proximidade e pela ternura. Não há proselitismo nisso: é puro coração e pura paixão.

Essa perspectiva da proximidade e do encontro, na promoção de uma cultura do encontro (FT 216), implementa um processo fundamental para uma Igreja missionária e ecumênica que foi chamado de *conversão pastoral* (DSD 30; DAp 365; EG 25).

## 2.7 Uma Igreja em saída de si

Enfim, uma Igreja que se coloca à escuta da voz e da ação do Espírito através dos sinais dos tempos, é uma Igreja em saída missionária. Trata-se de uma Igreja que se dispõe a sair de si mesma, que se coloca em discussão, que assume um processo de discernimento e reflexão, e que gera dentro de si um caminho profundo de metanoia.

Francisco afirmou que a Igreja nasceu em saída (2014). Nasce e renasce todas as vezes que sai de si e vai ao encontro dos pobres e dos outros. Sai do torpor e da autoreferencialidade e se torna hospede na casa dos outros. O Espírito vai na frente e abre o caminho e a Igreja se configura em base ao que a missão determina.

Hoje as saídas dessa Igreja de si mesma estão traçadas e podemos lembrá-las à luz do mistério da encarnação, retomando em discurso de Francisco à Cúria Romana por ocasião do Natal de 2019, no qual chamou à atenção sobre a realidade sociocultural pós-moderna profundamente mudada:

*Na época [...] era mais simples distinguir entre duas vertentes bastante claras: duma parte, um mundo cristão e, da outra, um mundo carecido ainda de ser evangelizado. Agora, esta situação já não existe. [...] Nas grandes cidades, precisamos de outros “mapas”, outros paradigmas, que nos ajudem a situar novamente os nossos modos de pensar e as nossas atitudes: já não estamos na cristandade! (FRANCISCO, 2019).*

Ao constatar o fim da cristandade também se ratifica o fim de um modelo de missão e de Igreja, ordenado na geografia dos países cristãos, no eclesiocentrismo da salvação, na antropologia da *massa damnata* e na colonização do Ocidente: trata-se agora

de se *situar* em outra realidade, o que implica por parte de todos os âmbitos eclesiais a saída do clericalismo rumo a uma autêntica sinodalidade; a saída do paroquialismo rumo a uma ampla cooperação entre as Igrejas; a saída do etnocentrismo rumo a uma decidida evangelização inculturada; a saída do juridicismo burocrático rumo a uma profunda conversão pastoral.

## CONCLUSÃO

Qual Igreja para qual missão? As respostas a essa pergunta podem ser múltiplas e até em profunda discordância entre elas. Todos são missionários e tudo – realmente tudo – é missão. Mas a qual paradigma e modelo de missão nos remetemos? O que entendemos por missão e o que entendemos exatamente por Igreja? Qual a nossa perspectiva entre a realidade local e a realidade mundial? As diversas maneiras de entender essas realidades dão vida a um leque de identidades, cosmovisões, ideologias, doutrinas extremamente amplo, heterogêneo e praticamente irreconciliável. No meio de tantas disparadas propostas por parte de segmentos e movimentos da Igreja católica, várias de índole pentecostal, fundamentalista e de claro afastamento do depósito da fé, há elementos norteadores que não podem ser ignorados: um desses é o mistério da encarnação.

Os evangelhos, textos redigidos a partir da experiência de fé das primeiras comunidades cristãs, não deixam dúvida: Jesus Cristo, o Filho de Deus encarnado, não veio para fundar uma nova religião, uma Igreja, um culto, mas anunciar a vinda do Reino de Deus para todos os povos. Esse horizonte já deveria ser suficiente para colocar a missão em primeiro lugar. Antes de qualquer proposta eclesial, pastoral, evangelizadora, deveria ser necessário para os cristãos fazer uma profunda imersão nas fronteiras onde são chamados a anunciar o rosto de Cristo, revisitando uma espiritualidade de Nazaré evocada por Charles de Foucauld: uma abordagem encarnada, desarmada, despojada e ao mesmo tempo profética, arrojada e entusiasta, com um coração sem fronteiras, como irmãos e irmãs universais.

## PARA REFLETIR

- Quais dos enfoques sobre a encarnação te chamou mais à atenção? Há alguns a mais que você gostaria de elencar?
- Quais das perspectivas eclesiológicas te chamou mais à atenção? Há alguma que você gostaria acrescentar à luz do mistério da encarnação?
- Qual Igreja para qual missão? Quais são as implicações para a nossa presença missionária o fato de colocar a missão em primeiro lugar?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUPE, Pedro. *Carta y Documento de trabajo sobre la Inculturación*. Roma: Acta Romana Societatis Iesu XVII, 1978, p. 229-255.

BENTO XVI. *Audiência Geral*. Roma, 9 de janeiro de 2013.

FRANCISCO. *Discurso aos fiéis da diocese de Roma*. Roma, 18 de setembro de 2021.

\_\_\_\_\_. *Discurso à Curia Romana na Apresentação dos votos natalícios*. Roma, 21 de dezembro de 2019.

\_\_\_\_\_. *Mensagem para o Dia Mundial das Missões 2014*. Roma, 8 de junho de 2014.

\_\_\_\_\_. *Discurso do Santo Padre aos bispos responsáveis do Conselho Episcopal Latino-Americano por ocasião da Reunião Geral de Coordenação*. Rio de Janeiro, Domingo, 28 de julho de 2013.

PAULO VI. *Udienza Generale*. Roma, 6 agosto 1965.

\_\_\_\_\_. *Discurso na última sessão pública do Concílio Vaticano II*. Roma, 7 de dezembro de 1965.

MOLTMANN, Jürgen. *Trinità e Regno di Dio*. La dottrina su Dio. Tradução de Dino Pezzetta. Brescia: Queriniana, 1983.

SINODO DEI VESCOVI. Per una Chiesa sinodale: comunione, partecipazione, missione. *Documento finale della XVI Assemblea Generale Ordinaria del Sinodo dei Vescovi*. Seconda Sessione. Roma, 26 ottobre 2024.